

O “ser-consigo” ao toque do clarim: educação, processos de subjetivação através das “escritas de si”

The “self with oneself” by the sound of the bugle: education, processes of subjectivation through the “writings of the self”

Andréia Pinheiro de Freitas¹, Carlos Roberto da Silveira²,
Márcia Aparecida Amador Mascia³

Universidade São Francisco, USF, Itatiba-SP, Brasil

Resumo

Os discursos que permeiam toda e qualquer discussão sobre educação são extremamente marcados pelas relações sociais, políticas, culturais e ideológicas que são vivenciadas pelos sujeitos da história. A língua, portanto, que reflete parte do conjunto simbólico desses discursos, constitui-se em um poderoso meio de significação e ressignificação dos mais variados gêneros e uma das formas mais importantes para a análise desses mesmos discursos. É no contexto dessas discussões, embasado nas teorias foucaultianas sobre processos de subjetivação e escrita de si e nas teorias enunciativas e discursivas de linguagem, com o suporte teórico da Análise do Discurso de Linha Francesa, que o presente artigo teve como objetivo geral observar as marcas de objetivação e subjetivação que se evidenciam em textos de alunos em formação militar, após a interação com imagens de vídeos produzidos por outros alunos em contextos diferentes. Na análise discursiva dos textos do presente trabalho, evidenciaram-se regularidades marcadas pela escolha de palavras que remetiam a determinados campos lexicais de legitimação em relação ao poder disciplinar a que estão submetidos. O artigo, dessa forma, lança um olhar sobre as percepções e questionamentos em relação à rotina da vida militar que emergem da “escrita de si” de sujeitos em início de formação militar.

Palavras-chave: Subjetividade. Escrita de si. Análise do discurso. Educação.

Abstract

The discourses that permeate any discussion of education are extremely marked by social, political, cultural and ideological relations that are experienced by the subjects of the history. The language, thus, that reflects part of the symbolic set of these discourses, constitutes a powerful means of signification and re-signification of various genres and one of the most important ways for the analysis of these discourses. It is in the context of these discussions, based on Foucault’s theories of subjectivity and writing processes of the self and on the enunciative and discursive theories of language, with the theoretical support of the French

¹ Mestre em Educação pela Universidade São Francisco (2016) na linha Práticas discursivas, processos culturais e educativos. Atualmente é professora de Língua Portuguesa na Rede Pública Federal. E-mail: andreiapfreitas@yahoo.com.br

² Mestre em Filosofia (concentração em Ética) pela PUC-CAMP. Doutor em Filosofia pela PUC-SP/CAPES. Pós-doutor em Educação pela USF/CAPES - Itatiba-SP. Atua como Vice-Líder do Grupo de Pesquisa sobre Estudos Foucaultianos (GPEFE), certificado pelo CNPq, através do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação na USF. E-mail: carlosilveir@yahoo.com.br

³ Mestre em Linguística e Língua Portuguesa, pela UNESP, doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP e pós-doutora em Educação pela Universidade de Wisconsin-Madison, EUA, no departamento de “Curriculum and Instruction”. É líder do Grupo de Pesquisa “Estudos Foucaultianos e Educação” (GPEFE), certificado pelo CNPq. E-mail: marciaaam@uol.com.br

Discourse Analysis, which this article aimed to observe the marks of objectification and subjectivity that are evident in student texts in military training, after interaction with video images produced by other students in different contexts. In discursive analysis of the texts of this study, it was evidenced regularities marked by the choice of words which referred to certain lexical fields of legitimacy in relation to the disciplinary power to which they are subjected. The article, therefore, takes a look at the perceptions and questions regarding the routine of military life that emerge from the “write of the self” of the subjects at the beginning of military training.

Keywords: Subjectivity. Writing of the self. Discourse analysis. Education.

Introdução

Atualmente, muitos são os trabalhos e as discussões acerca do que se entende por ética na contemporaneidade. Quando se reflete sobre os variados costumes e sobre as diversas formas de expressão dos temperamentos dos seres humanos inseridos em determinadas sociedades, não se pode deixar de discutir questões ligadas à ética. De modo geral, a ética é um conjunto de princípios que regulam as ações humanas, embasados em referenciais historicamente constituídos com base em valores universais, racionais que avaliam e criticam costumes estabelecidos em determinada sociedade. Dessa forma, entende-se por ética a ciência da conduta humana.

Para Nicola Abbagnano (2007) existem duas concepções que são fundamentais para a ciência ética (Ocidental). A primeira tem por objetivo orientar a conduta humana e apontar os meios para se chegar a um fim, sendo que tanto o fim quanto os meios devem ser deduzidos da natureza humana. Posição idealista de perfeição real, homem voltado à sua natureza humana, essência ou substância. A segunda explica a ética como sendo a ciência do móvel, da conduta dos homens, na qual se procura determinar motivos ou causas, com o objetivo de dirigir ou disciplinar a conduta humana. Posição voltada aos fatos, pois trata dos “motivos” e das “causas” da conduta humana ou das “forças” que a determinam e que pertencem à esfera do conhecimento dos fatos.

Na Grécia Clássica, o conceito de ética era constituído pela busca daquilo que era bom, virtuoso (*areté*), ou seja, uma relação harmoniosa entre corpo e alma, somente possível de ser alcançada por meio de inúmeras práticas (agir ético) pautadas no “cuidado de si” com vistas ao “cuidado do outro”. A ética era, dessa forma, tida como tomadas de decisões que eram postas em prática, mobilizando ações dirigidas ao bem, ao belo, a fim de promoverem uma vida em perfeito equilíbrio com os valores da época: justiça, bravura, piedade, honra, saúde, beleza e força (JAEGER, 1995).

Passando por inúmeras variações ao longo dos séculos, a ética contemporânea emerge das relações de sujeitos que estão vivendo em um dado momento histórico, nesta ou naquela sociedade, sob determinada moral. Esses sujeitos, imersos em inúmeras relações de poder, seguem variadas condutas éticas que tentam harmonizar certos valores que hoje, dentre outros, são tidos como ideais, tais como a tolerância, a solidariedade e o amor.

Hoje, talvez pelo fato de vivermos em uma era tecno-científica ou pelo simples fato de ocuparmos o planeta de forma tão desordenada e em densa quantidade, o substantivo “ética” parece que necessita assumir sempre um adjetivo para acompanhá-lo.

Tem-se, assim, as chamadas éticas binominais, como a ética política, a ética médica, a ética acadêmica, a ética jurídica etc.

Desse modo, questões éticas nos dias atuais estão ligadas às mais diversas áreas e não se poderia também deixar de falar de ética nas relações que envolvem o contexto militar. Quando se observam, por exemplo, as intervenções das Forças Armadas dos Estados Unidos em países do Oriente Médio, ou quando se fala, aqui no Brasil, sobre os desdobramentos do período de governo militar, reacendem-se as discussões sobre as questões éticas envolvidas.

O objetivo, portanto, deste artigo é observar, por meio de análises da “escrita de si” de dois sujeitos em início de formação militar em uma Instituição de Ensino Militar, as possibilidades de indícios de como vão se constituindo eticamente esses indivíduos que estão sujeitos a um regime disciplinar que, ao mesmo tempo em que exerce um poder sobre eles, também produz um saber.

Para tanto, buscou-se amparo nas questões sobre subjetividade, desenvolvidas por Michel Foucault na terceira fase de sua obra, denominada por Alfredo José da Veiga-Neto (2011) de “ser-consigo”.

Fundamentação teórica

O principal suporte teórico para este trabalho são os estudos que Foucault desenvolveu visando um detalhamento do discurso, do poder e da subjetivação. Embora o foco do artigo esteja mais voltado para a subjetivação, é importante expor, de maneira geral, os outros dois.

Segundo Alfredo José da Veiga-Neto (2011), é possível dividir a obra de Foucault em três domínios, seguindo um roteiro cronológico e metodológico.

O primeiro domínio (*ser-saber*), chamado “arqueológico”, é marcado por uma detalhada análise que Foucault faz dos discursos no decorrer do tempo, buscando um saber que não foi sistematizado. O segundo domínio (*ser-poder*), o “genealógico”, é um estudo aprofundado das relações de forças das quais emergem um discurso que passa pelo interdito, a fim de que possa ser legítimo ou tolerado. Já no terceiro domínio (*ser-consigo*), denominado “ético”, Foucault investiga como se constitui um saber centrado nas práticas exercidas pelos indivíduos, a fim de observar melhor como a dominação e a subjetivação desses mesmos indivíduos são constituídas. O último domínio é o que mais se tentou evidenciar neste trabalho, uma vez que, em outras palavras, nesse domínio, Foucault trabalha o conceito de subjetivação como sendo um dos modos por meio dos quais os indivíduos se produzem e são produzidos em uma determinada cultura, através de determinadas práticas e discursos. Para investigar as maneiras de existir do sujeito, Foucault empreende uma pesquisa histórica na qual retorna à Antiguidade grega, a fim de observar as práticas do “cuidado de si”.

A expressão “cuidado de si”, que é uma retomada da *epimeleia heautou*, que se encontra, em particular, no Primeiro Alcibíades de Platão, indica, na verdade, o conjunto das experiências e das técnicas que elaboram o sujeito e o ajudam a transformar-se em si mesmo. No período helenístico e romano, no qual se concentra rapidamente o interesse de Foucault, o cuidado de si inclui a máxima délfica do *gnôthi seautón*, mas ele não se reduz a isso: a *epimeleia heautou* corresponde mais a um ideal ético (fazer de sua vida um objeto de *tekhnê*, uma

obra de arte) do que a um projeto de conhecimento em sentido estrito. (REVEL, 2011, p. 138).

Dessa forma, para Foucault os processos de subjetivação envolvem um “modo de vida”. O sujeito é constituído pela relação que tem com as coisas, por meio da história e do tempo, e pelas relações que o corpo possui com as coisas de sua existência, compreendendo todas as práticas que envolvem o cuidado de si, ora como extensão do cuidado com o outro, em determinado momento da história, ora com cuidado de si para si mesmo.

Pode-se pensar, aparentemente, que os domínios foucaultianos se compuseram de forma estanque, porém, ao contrário, todos três domínios estão interligados. Quando inicialmente decretou em *As palavras e as Coisas* (1966) “a morte do homem”, levou a pecha de anti-humanista, no entanto, na verdade, só tentou mostrar que não era do homem que tudo partia, como se ele fosse o criador dos saberes. Para Foucault, o sujeito vai sendo constituído, ele não existe *a priori*. A constituição do sujeito depende das relações de poder às quais está submetido em um determinado momento histórico. Essas condições formam o sujeito por dois tipos de constituição que se dão ao mesmo tempo e de diversas formas: a objetivação e a subjetivação.

Na visão de Foucault, segundo Judith Revel (2011), os “processos de subjetivação” por um certo número de técnicas na relação consigo, o sujeito permite constituir-se como responsável de sua existência. Por outro lado, os modos de objetivação transformam sujeitos, em sujeitos objetivados que desenvolvem suas subjetivações através das práticas de objetivações. Dessa feita, estas práticas de objetivação, por meio de mecanismos disciplinares, constituem corpos dóceis e úteis. Esses modos de objetivação são assim descritos por Foucault:

O primeiro são os modos da investigação, que tenta atingir o estatuto da ciência, como, por exemplo, a objetivação do sujeito do discurso na *grammaire générale*, na filologia e na linguística. Ou, ainda, a objetivação do sujeito produtivo, do sujeito que trabalha, na análise das riquezas e na economia. Ou, um terceiro exemplo, a objetivação do simples fato de estar vivo na história natural ou na biologia. (FOUCAULT, *apud* DREYFUS & RABINOW, 2013, p. 273).

Dessa forma, os processos de subjetivação são constituídos pelos modos de objetivação que atravessam os sujeitos, e, ao mesmo tempo, estes se autoconstituem como sujeitos das suas próprias existências.

Ao retornar o olhar para a Antiguidade, principalmente para os séculos I e II, a fim de investigar as técnicas do cuidado de si e do outro, Foucault salienta sobre a importância do exercício da escrita de si para com essas técnicas.

Dentre as práticas realizadas para o cuidado de si, pesquisadas por Foucault, há a “escrita de si”, que é um conjunto de práticas que marcam os processos de subjetivação dos sujeitos. Nas palavras de Foucault,

Nenhuma técnica, nenhuma aptidão profissional pode ser adquirida sem exercício; não se pode mais aprender a arte de viver, a *teknê tou biou*, sem uma *askêsis*, que deve ser compreendida como um treino de si por si mesmo: este era um dos princípios tradicionais aos quais, muito tempo depois, os pitagóricos, os socráticos, os cínicos deram tanta importância. Parece que, entre todas as formas tomadas por esse treino (e que comportava abstinências, memorizações,

exames de consciência, meditações, silêncio e escuta de outro), a escrita - o fato de se escrever para si e para outro - tenha desempenhado um papel considerável por muito tempo. (FOUCAULT, 2014a, p. 143).

Assim, a “escrita de si” é uma prática que, analisada sob a ótica da Análise do Discurso, é fonte de percepção dos modos de objetivação e subjetivação pelos quais os sujeitos são constituídos.

No texto *A escrita de si* (2014a), resgatando textos de Santo Atanásio, Sêneca, Plutarco, Epícteto, Demétrio, Plínio, Marco Aurélio, entre outros, Foucault destaca a função dos exercícios de escrita:

[...] seja qual for o ciclo de exercício em que ela ocorre, a escrita constitui uma etapa essencial no processo para o qual tende toda a *askésis*: ou seja, a elaboração dos discursos recebidos e reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais de ação. Como elemento de treinamento de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão que se encontra em Plutarco, uma função *etopoiética*: ela é a operadora da transformação da verdade em êthos. (FOUCAULT, 2014a, p. 144).

Foucault aponta os *hupomnêmata* e a *correspondência* como dois tipos em que a escrita *etopoiética* evidencia-se.

Os *hupomnêmata* consistiam em cadernos de anotações, que podiam ser de várias formas, “livros de contabilidade, registros públicos, cadernetas individuais que serviam de lembrete” (FOUCAULT, 2014a, p. 144), em que se escreviam as memórias do que havia sido ouvido, lido e pensado, com a finalidade de não serem esquecidas. No entanto, não eram muletas para possíveis esquecimentos. Os *hupomnêmata* eram utilizados, de fato, como exercícios, ou seja, eram lidos, relidos, usados como forma de se meditar sobre si e sobre os outros, portanto deveriam ficar gravados na alma. Não eram simples narrativas que buscavam preencher um vácuo de memória ou relatar experiências.

A *correspondência* era uma outra forma de exercício com função *etopoiética*, em que os *hupomnêmata* podiam também ser aproveitados como matéria-prima para ser enviada e lida por outro.

Ao se partir dos princípios da Análise do Discurso de que todo discurso produzido carrega traços identitários de quem os produz, a “carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 2014a, p. 150).

Assim, a correspondência é uma forma de mostrar-se para si mesmo e para os outros, além de oferecer, para quem recebe a missiva, ao lê-la, a sensação de que o remetente está presente ao seu lado de corpo e alma.

Escrever para si ou para o outro, portanto, é exercício do cuidado de si, para que o sujeito busque a verdade sobre si mesmo. No entanto não só isso, pois buscar a verdade sobre si mesmo também recai no cuidado do outro. Assim, Foucault empreende um levantamento histórico sobre a *parrhesía*.

O conceito de *parrhesía* foi muito estudado por Foucault nos últimos anos de sua vida e pode ser encontrado nos últimos cursos ministrados por ele no Collège de France, de 1983 e 1984, principalmente, e reunidos nos livros *O governo de si e dos outros* (2010a) e *A coragem da verdade* (2011), embora já tivesse abordado o tema

nos cursos de 1981 e 1982, reunidos no livro *A hermenêutica do sujeito* (1982:2010b). É possível, portanto, ter ideia da complexidade das definições e das transformações que o conceito de *parrhesía* apresenta.

A *parrhesía* pode ser definida como um dizer livre, um dizer franco, ou seja, o sujeito que utiliza a *parrhesía* é aquele que diz a verdade, como define Foucault:

O termo *parrhesía* refere-se, ao meu ver, de um lado à qualidade moral, à atitude moral, ao êthos, se quisermos, e de outro, ao procedimento técnico, à *tékhnē*, que são necessários, indispensáveis para transmitir o discurso verdadeiro a quem dele precisa para a constituição de si mesmo como sujeito de soberania sobre si mesmo e sujeito de veridicção de si para si. Portanto, para que o discípulo possa efetivamente receber o discurso verdadeiro como convém, quando convém, nas condições em que convém, é preciso que esse discurso seja pronunciado pelo mestre na forma geral da *parrhesía*. (FOUCAULT, 2010b, p. 334).

Dessa forma, ao resumir acima a questão da “escrita de si” e da *parrhesía*, o objetivo, para o presente trabalho, é observar até que ponto os textos que serão analisados carregam em si o dizer verdadeiro, mesmo sendo produzidos em um ambiente em que o poder disciplinar impõe ou tenta impor determinadas regras no dizer dos sujeitos que estão submetidos a ele. Além disso, é objetivo também perceber que essas regras de conduta, de certa forma, são imanentes na constituição de sujeitos que buscam, por meio dos processos de subjetivação, uma “estética da existência”.

Os processos de subjetivação sempre foram o foco dos estudos de Foucault, embora apareçam com mais frequência em seus últimos estudos. Dessa forma busca identificar, nesta última fase de sua obra, de que formas os indivíduos, por meio de sua conduta sexual, entendem-se como sujeitos, ao longo do tempo. Nas palavras de Foucault:

Meu objetivo, há mais de 25 anos, é esquematizar uma história das diferentes maneiras de como os homens, em nossa cultura, elaboram um saber sobre si mesmos: a economia, a biologia, a psiquiatria, a medicina e a criminologia. O essencial não é tomar esse saber como dinheiro líquido, mas analisar essas pretensas ciências como tantos “jogos de verdade” que estão ligados a técnicas específicas que os homens utilizam a fim de compreender quem eles são. (FOUCAULT, 2014b, p. 265).

No livro *História da Sexualidade II: o uso dos prazeres* (1984), Foucault retorna à Antiguidade Clássica e busca respostas, por meio da análise de escritos da época (séculos I e II de nossa era), para as várias formas de constituição de um sujeito submetido a determinadas normas e práticas relacionadas à conduta sexual, as quais denominou de *aphrodisía*.

Trata-se de um adjetivo substantivado que os latinos traduziram por “*venerea*” e que o *Suda* propõe como significado para as “coisas” ou os “atos de Afrodite” (atos queridos pela natureza, aos que associa um prazer intenso e aos que conduz por uma força sempre suscetível de excesso e revolta). (CASTRO, 2009, p. 37).

Foucault parte dos escritos da Antiguidade Clássica, como cartas, discursos, coletâneas de pareceres, textos prescritivos, diálogos, tratados, dentre outros, para concatenar meios que permitam a análise do que chamou de *uma estética da existência*.

Paralelamente, vai traçando uma comparação desses regimes com os existentes na época cristã e moderna, mesmo que não tenha tido tempo, devido a sua morte, para completar os estudos como pretendia.

Para realizar essa análise, vários conceitos muito similares são expostos, tais como *estética de si*, *práticas de si*, *artes da existência*, *tecnologias* ou *técnicas de si* e *processos de subjetivação*, todos pautadas em práticas que assim são definidas por Foucault:

[...] práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. Essas “artes de existência”, essas “técnicas de si”, perderam, sem dúvida, uma certa parte de sua importância e de sua autonomia quando, com o cristianismo, foram integradas no exercício de um poder pastoral e, mais tarde, em práticas de tipo educativo, médico ou psicológico. De qualquer modo, dever-se-ia, sem dúvida, fazer e refazer a longa história dessas estéticas da existência e dessas tecnologias de si. (FOUCAULT, 1984, p.15).

Cumprir destacar que esses exercícios do “cuidado de si”, que vão ser prescritos por diversas escolas filosóficas, são práticas que todo homem livre deve procurar praticar, não esquecendo que o “cuidar de si” é uma forma de, também, “cuidar do outro”, buscando fazer de sua existência uma obra de arte.

Metodologia

O *corpus* que figura neste artigo faz parte do trabalho de dissertação de mestrado da pesquisadora e passou por um processo detalhado de coleta e escolha. Pesquisou-se, a princípio, em bancos de dissertações e teses, algum trabalho que citasse a questão da subjetivação, com base em conceitos foucaultianos, de alunos de ensino militar, porém o que se encontrou foram várias pesquisas que focam a constituição do ensino militar, tanto da Polícia Militar como das Forças Armadas, e diversificados temas sobre a ditadura militar no Brasil. Os trabalhos que mais se aproximaram da concepção da presente pesquisa possuíam uma abordagem antropológica.

A ideia inicial do que ainda era um projeto de pesquisa consistia em realizar com os participantes (alunos do 1º ano de Graduação do Ensino Superior) de uma Instituição de Ensino Militar a filmagem da rotina, bem como dos arredores da instituição, com o intuito de participarem do *Projeto Global Perspectives on Learning and Development with Digit@l Video-Editing Media*, idealizado por pesquisadores de diversos países que têm como foco a captura digital, edição e circulação de dados audiovisuais feitos pelos jovens. Para tanto, uma câmera é doada para as escolas, para que os alunos possam filmar o cotidiano da escola, expressando seus pontos de vista sobre a instituição e sobre a rotina escolar.

Os vídeos que fazem parte do projeto DIGIT-M-ED são totalmente produzidos por alunos de diversas partes do mundo que realizam todo o processo, da captação de imagens à edição, e, em seguida, disponibilizam-nos no canal de Internet Youtube.

No entanto, a Instituição de Ensino Militar não permite que imagens sejam feitas no espaço escolar, tampouco que sejam disponibilizadas na internet, por motivos de segurança e sigilo, pois armazena armamentos e realiza atividades estratégicas que não devem ser visualizadas pela sociedade civil.

Dessa forma, optou-se em exibir dois vídeos do projeto, um produzido na Grécia e outro no Brasil, e, na sequência, pediu-se aos participantes que produzissem os textos como se estivessem, ao invés de produzindo imagens, produzindo palavras que expressassem o mesmo objetivo do que viram nas imagens.

O primeiro vídeo exibido foi produzido por alunos de uma escola na Grécia e tem a duração de 5 minutos e 44 segundos. O vídeo foi muito bem produzido e figura ilustrativamente na página do site (<http://digitmed.wordpress.com>) em que estão disponíveis as informações sobre a criação e os objetivos do projeto.

O segundo vídeo apresentado foi idealizado pelo Colégio Stágio, localizado em São Bernardo do Campo, e tem a duração de 4 minutos e 32 segundos. A temática é a mesma, ou seja, retratar a rotina escolar e filmar os arredores da escola.

Depois da exibição dos filmes, os participantes da pesquisa comentaram alguns aspectos dos vídeos, como, por exemplo, a produção do vídeo grego, que na opinião deles foi bem trabalhada, com riqueza de detalhes; a trilha sonora de ambos os vídeos, assim como as condições dos locais em que as escolas se encontram, ou seja, os paradoxos e as semelhanças existentes entre o dentro e o fora da instituição.

Posteriormente, a proposta foi de que, em caráter voluntário, produzissem textos, de preferência na 1ª pessoa, em que exprimissem o que achavam da instituição e da rotina vivida por eles. O primeiro critério de seleção foi excluir textos que fugiram do tipo textual pedido, pois a proposta era que escrevessem um texto narrativo, porém alguns se utilizaram do gênero dissertativo. O segundo critério foi buscar as narrativas que possibilitassem o levantamento de “marcas” textuais que, ao serem problematizadas, pudessem produzir (ou não) espaços reflexivos que apontassem para os processos de subjetivação a que estão submetidos.

Foram, portanto, selecionados onze textos, dos trinta e um entregues, para, inicialmente, comporem o *corpus* da pesquisa para a análise. Porém, fazer a análise de tantos textos seria inviável, dado o curto período de tempo. Assim, optou-se por selecionar quatro textos, para fazerem parte da dissertação de mestrado da pesquisadora, três em 1ª pessoa e um em 3ª pessoa, em que se evidenciavam determinadas regularidades discursivas.

Para este artigo, foram escolhidos dois textos dos quatro analisados na dissertação citada acima.

É importante ressaltar que este trabalho foi submetido à Comissão de Ética e Pesquisa da Universidade São Francisco (CEP- Bragança-SP) e, por estar totalmente em conformidade com a Resolução 466 de 12/12/2012, foi aprovado, com registro CAAE: 39316614900005514, no dia 15 de dezembro de 2014.

Análises

É conveniente esclarecer que os nomes dos participantes foram substituídos pelos nomes de guerreiros, heróis gregos, a saber Teseu e Hércules, cujas personificações, retiradas do livro *Mitologia Grega, Volume III*, de Junito de Souza Brandão (1987), serão brevemente resumidas abaixo.

Teseu, filho de Posídon ou de Egeu com Etra, desde muito jovem apresentava tremenda força. Aos dezesseis anos, ergueu um rochedo imenso sob o qual seu pai Egeu havia deixado as sandálias e uma espada. É também um famoso herói da mitologia grega por diversos feitos, como, por exemplo, ter matado o Minotauro (monstro que vivia em um labirinto), ter raptado Ariadne e ter lutado também na guerra de Troia. Morreu ao ser empurrado em um abismo.

Hércules, o mais popular herói grego, filho de Zeus e Alcmena, por ter se tornado imortal, ao ser amamentado por Hera, sem que ela soubesse, e por sua extrema força física, passou por diversas iniciações impostas pela deusa que sempre foi tomada pelo ciúme que sentia de Zeus. Esses trabalhos culminaram com os conhecidos *Os Doze Trabalhos de Hércules*.

TEXTO 1 (T1)

Teseu:

“Vejo⁴ a [Instituição de Ensino Militar] como uma escola *séria e responsável, focada em formar* oficiais do Exército. *Um dos poucos* lugares onde ainda se encontra *disciplina e respeito*. *Mas claro, não é perfeita*. É *composta por homens* e algumas vezes acontece algumas *injustiças (opinião pessoal)* e outras coisas que considero *desnecessárias*, sem conseguir enxergar o motivo ou lado positivo. Gostaria que ela fosse vista por todos pela sua formação *excelente*, com *responsabilidade e disciplina*, sem que tivesse o lado falho considerado por mim. *(Não que realmente seja, é apenas o que acho)*. E não somente que ela fosse vista, mas que realmente fosse só a parte positiva. Mas assim seria muito perfeito, não dá.”

Teseu inicia o segmento acima descrevendo a instituição positivamente, para depois inserir alguns aspectos “negativos”, reforçando o tempo todo que se trata de sua opinião. O que mais emerge no discurso de Teseu é a preocupação que tem em dizer a “verdade” na qual acredita. Ao emitir sua opinião, procura deixar bem claro que é uma posição pessoal, assumindo para si toda a responsabilidade de uma declaração que pode não ser bem aceita por seus pares, tanto superiores como inferiores na escala militar hierárquica.

Do ponto de vista da materialidade linguística, trata-se de um texto curto, porém que expõe de maneira densa o “olhar” que tem da escola. Confirma, dessa forma, ainda no 1º período, uma visão positiva inicial por meio da escolha de palavras de um campo lexical que acena para ideias de seriedade, austeridade, através dos seguintes termos: *séria, responsável, focada, formar*.

Dando continuidade aos aspectos positivos que adjetivam a escola, Teseu denota que ele admite a existência de valores elevados cultuados dentro da instituição (*disciplina e respeito*) em outros lugares, no entanto, ao mesmo tempo, restringe significativamente a quantidade desses lugares. De maneira implícita, faz uma comparação com outras instituições, pois tenta justificar que a instituição (cá) é um lugar raro, em que a existência do respeito e da disciplina é um fato, e que fora (lá) são poucos os lugares que evocam tais valores. É possível perceber também que Teseu, implicitamente, prepara o leitor para o que está por vir, ou seja, em primeiro

⁴ Os destaques em negrito foram realizados pela pesquisadora, a fim de realçar algumas palavras para facilitar a análise.

momento, exalta as qualidades que vê, sugerindo que tem a intenção de expor também as falhas.

Assim é que Teseu alterna rapidamente, em seu texto, para a apresentação das questões negativas. Insere no discurso a afirmação categórica de que a escola *não é perfeita*. Justifica a afirmação, no 4º período, com a assertiva É composta por homens, ou seja, criando uma espécie de silogismo em que a premissa maior seria “O homem não é perfeito”, a premissa menor “As instituições são dirigidas por homens” e a conclusão “logo, as instituições não são perfeitas”. Teseu supõe uma verdade aceita universalmente de que o homem não é perfeito, logo tudo o que é dirigido ou comandado por homens não pode ser perfeito.

Depois de justificar e/ou “amenizar” com o silogismo implícito, falará em seguida, ao usar, em oposição à visão positiva que enfatizou nos períodos anteriores, o substantivo *injustiças* e o adjetivo *desnecessárias*, dos pontos negativos que vê na instituição. Teseu, ao expor sua visão crítica, tem uma preocupação demasiada com a visão do outro em relação ao seu discurso. Talvez um receio de ser “injustiçado” por dizer a verdade, pois, por mais de uma vez, vai utilizar os parênteses, (*opinião pessoal*), para reafirmar que o ponto de vista é dele. Não se pode esquecer de que ele está dentro de uma instituição de ensino militar, expressando “livremente” sentidos indesejáveis acerca do ambiente em que vive, um local em que exaltar os valores cultuados é um dever. Em outras palavras, ao mesmo tempo que reforça, quando utiliza os parênteses para justificar que o ponto de vista é somente dele, protege-se de uma outra verdade que lhe pode ser imposta, tendo como uma espécie de alternativa ou “desculpa” o que coloca entre parênteses, (*Não que realmente seja, é apenas o que acho*). Além disso, pode-se supor que Teseu busca, ao utilizar os parênteses, convencer a si mesmo de que a instituição pode não ter o lado negativo, talvez só ele a veja assim. Porém ele entra em um paradoxo, pois, acima, foi categórico em enunciar que os homens não são perfeitos e, depois (*E não somente que ela fosse vista, mas que realmente fosse só a parte positiva*), busca não só que a instituição seja reconhecida pelo lado positivo como também expressa o desejo de que só houvesse esse lado.

O paradoxo, no entanto, desfaz-se (*Mas assim seria muito perfeito, não dá*) já que afirma que não há perfeição, o que justificaria a existência do lado negativo com o qual tem que conviver e se constituir como sujeito.

No fundo esse texto consiste em um diálogo consigo próprio, uma tentativa de reconhecer-se por meio do reconhecimento do outro. Ao mesmo tempo em que diz a verdade (parrhesía), demarcando sua opinião discursivamente ao longo do texto, para assumir a responsabilidade para si, ao utilizar os parênteses para se precaver/se enconder de ter dito a verdade, estabelece um conflito dentro dele mesmo que emerge ao elaborar o exercício da “escrita de si”.

Por outro lado, o que se pode ver é a busca pela verdade moldada em uma espécie de jogo parrhesiástico, no qual Teseu permite envolver ao mesmo tempo a sua experiência pessoal e, diante disso, o seu modo de pensar reflexivo sobre a Instituição que forma oficiais para o Exército. Instituição que o educa, acolhe e ensina disciplina e respeito. Nesse jogo, que não é o do silêncio, mas o da coragem da verdade, daquilo que é exposto através do seu discurso escrito, ele pratica a verdade para si, assume o risco por essa verdade frente a alguma espécie de perigo que lhe pode ser imputado. Aponta dados positivos e negativos demonstrando franqueza em seu falar. Assim, ao aceitar

o jogo parrehiástico, o da exposição de sua verdade, ele inicia uma relação específica consigo mesmo, a da liberdade. Foucault (2013) aponta que o dizer a verdade é um dever. Dessa forma, observa-se que Teseu, ao declarar “*escola séria e responsável*”, “*poucos lugares onde se encontra disciplina e respeito*”, “*Mas claro, não é perfeita*”, demonstra o falar franco, a parrhesia que está intimamente relacionada à liberdade, bem como, responsabilidade e dever.

TEXTO 2 (T2)

Héracles:

“A [Instituição de Ensino Militar] *é* uma escola que **prepara** o jovem para o início da sua carreira rumo ao oficialato. Ela é uma peça **fundamental** na vida do jovem que optou **servir** à pátria e o Exército Brasileiro, **pois** ensina **valores** há muito esquecidos pela sociedade.

E por citar a palavra valores, lembrei de um, o qual considero o mais importante de todos: **a camaradagem**, porque a [Instituição de Ensino Militar] **exige** de você **aquilo** que nenhuma outra instituição do meio civil **exige**. **E é nessas horas, quando você** está completamente tomado pelo **sono, cansaço, fome, debilitado e desmotivado** a tal ponto de querer largar tudo e **ir embora, sempre aparece um companheiro** que, por vezes, está em situação até pior que a sua, para o que está fazendo para **lhe estender a mão amiga** e te ajudar e dizer **‘relaxa, cara! Essa fase vai passar! Estou contigo!’**.

Você, sem saber o porquê, o motivo porquê seu companheiro te ajudou em momento complicado, daí você pensa: ‘Poxa, **lá fora**, na sociedade, **talvez** nunca alguém me ajudaria dessa forma’. **São valores** que nos tornam **mais fortes, mais vivos, mais humanos**.

E é dessa maneira que **eu quero** que a [Instituição de Ensino Militar] **seja vista** pelas **outras pessoas**: uma instituição que, mesmo criando **dificuldades** aos alunos, os **une** ao mesmo tempo e é isso que deveria acontecer com a **sociedade** de um modo geral. **Brasil, acima de tudo!**”

Héracles organiza seu texto trazendo um ponto muito importante dentro da instituição que é a camaradagem, apresentada neste texto como um atributo que os ajuda a superar as dificuldades pelas quais passam ao longo do ano de preparação. Héracles também insere a camaradagem como sendo um atributo próprio da Instituição e, por extensão, do Exército, sendo que em sua opinião esse atributo não existiria fora do contexto militar. Assim o texto transita entre o cá e o lá: cá é o contexto militar e lá é o contexto civil.

Observa-se também no texto de Héracles, ao abordar a camaradagem, um deslocamento da posição-sujeito dentro de seu discurso. Ao evocar uma provável passagem de sua experiência em que prova a importância da camaradagem, o sujeito do discurso desloca-se do “eu” para o “você”, buscando o outro. Não que esse outro seja uma segunda pessoa do discurso, alguém com quem fala, mas, sim, refere-se a ele mesmo, ou seja, sua alteridade que está implicada no discurso. Neste caso específico, evoca em seu discurso todos os alunos/militares e militares em geral que, como ele, passaram ou podem passar por situação semelhante.

⁵ Os destaques em negrito foram realizados pela pesquisadora, a fim de realçar algumas palavras para facilitar a análise.

Além disso, é possível observar que Hércules preocupa-se com o reconhecimento das outras pessoas que não estão vivenciando as experiências que julga tão profundas. Ao citar uma vivência que possivelmente teve em relação à prática da camaradagem como prova de que, de fato, apega-se a essas atitudes, sugere que os valores que tanto preza inexistem ou não são praticados na sociedade civil.

Quanto à materialidade linguística, Hércules inicia o texto definindo a escola nos dois períodos iniciais, por meio do verbo “ser” na 3ª pessoa do singular. Ressalta as qualidades da instituição, escolhendo um campo lexical positivo, para tanto, usa os vocábulos *prepara, servir, fundamental, valores*. Além disso, no 2º período, sugere que os valores ensinados na instituição não existem mais, pelo menos por hora, na sociedade civil (**pois** *ensina valores há muito esquecidos pela sociedade*), opondo, dessa forma, o cá (Exército) ao lá (sociedade civil).

No 1º período do 2º parágrafo, Hércules retoma a questão dos valores que encerrou o 1º parágrafo e exemplifica com um substantivo: *a camaradagem*. Na sequência, tem a intenção de explicar o motivo (*porque*) da exaltação desse valor, evidenciando, mais uma vez por meio da comparação com a sociedade civil, o grau de exigência cobrado na escola (*a [Instituição de Ensino Militar] exige de você aquilo que nenhuma outra instituição do meio civil exige*).

Ainda no 1º período do 2º parágrafo, Hércules muda a pessoa do discurso, buscando trazer o outro no seu dizer, pois sempre o eu é constituído do outro. Dessa forma, expõe a heterogeneidade que constitui os sujeitos, do mesmo modo que constitui sua própria identificação. Ao usar o “você”, do ponto de vista discursivo, Hércules traz em seu dizer um outro que talvez possa atuar como o interlocutor de si mesmo, ou seja, o aluno/militar fala de si para si e adota, para tanto, a voz de um outro, que se mostra no pronome “você”.

No início do 2º período do 2º parágrafo, Hércules dá continuidade a seu pensamento em relação à importância da camaradagem e instaura em seu discurso uma possível recordação de uma situação em que sentiu, de modo prático, a concretização desse valor. Hércules traz para o texto essa circunstância, ao iniciar sua narrativa dessa vivência.

Interessante observar, ao continuar a leitura do período, que Hércules revela, mesmo que inconscientemente, os momentos difíceis pelos quais passou na referida lembrança que emerge em seu dizer. Destaca, assim, um campo lexical marcado pelo esgotamento físico e mental, ao utilizar palavras tais como *sono, cansaço, fome, debilitado e desmotivado*. Para ele, o esgotamento é tão significativo que pensa em desistir (*a tal ponto de querer largar tudo e ir embora*), uma atitude que pode ser vista como sinal de fraqueza dentro do contexto em que está inserido.

No entanto, evoca um outro em seu discurso, ou seja, nunca vai faltar um outro disposto a ajudar dentro do espaço em que vive, ratificando, assim, a ideia de exaltação da camaradagem no meio militar (*para o que está fazendo para lhe estender a mão amiga⁶ e te ajudar*).

Ao finalizar o período, Hércules, reproduz por meio da utilização do discurso direto a fala de seu companheiro: “*relaxa, cara! Essa fase vai passar! Estou contigo!*”. Talvez se possa inferir que Hércules reproduz um discurso que é do companheiro,

⁶ Hércules evoca aqui parte do lema do Exército Brasileiro: “Braço forte, mão amiga”.

mas que, no fundo, pode ser dele mesmo. Em outras palavras, revela, ao reproduzir a fala de outro, sua própria voz, ou seja, quando estiver, em outra ocasião, em situação semelhante, dirá as mesmas palavras de conforto, demonstrando o valor da camaradagem.

No 3º parágrafo, continua com a narrativa, mas insere um dado novo: faz uma reflexão sobre a ocorrência da prática da camaradagem no contexto militar, mas agora evidenciando em sua própria fala a dúvida da existência do atributo camaradagem no meio civil em oposição ao meio militar, lamentando essa possibilidade (“*Poxa, lá fora, na sociedade, talvez nunca alguém me ajudaria dessa forma*”).

No 2º período, ainda no 3º parágrafo (*São valores que nos tornam mais fortes, mais vivos, mais humanos*), Hércules (re)afirma que os valores existentes no meio em que vive, personificados na camaradagem, como narrou acima, são importantes em sua formação. Para tanto, usou um campo lexical de exaltação de atributos humanos, tais como *fortes, vivos, humanos*. Interessante observar a presença repetida do advérbio “mais” modificando os adjetivos “fortes”, “vivos” e “humanos”, em uma provável intenção de intensificar características que já fazem parte do ser, mas que são exacerbadas ao passar por um momento difícil na caminhada rumo ao oficialato.

No 4º e último parágrafo, revela o desejo de que a Instituição seja vista pelas outras pessoas como um local em que existem dificuldades, no entanto essas mesmas dificuldades promovem a união dos alunos, o que imagina não acontecer na sociedade civil. Vale lembrar que a necessidade de reconhecimento por parte dos outros reflete uma necessidade de ele mesmo reconhecer-se no universo que descreve.

No último período, encerra com o brado: *Brasil, acima de tudo!*, como explicado acima, uma frase de efeito bradada ao final de discursos orais e escritos. Tudo vale a pena pelo Brasil. Pelo país ele jurou que dará a própria vida, se preciso for. Dessa forma, o brado de exaltação é extremamente significativo para ele e ratifica o juramento que fez no início da carreira.

Observa-se neste texto, discursivamente analisado, as técnicas de si ou processos de subjetivação, de que fala Foucault (1984), conforme apresentado na parte teórica, pelas quais Hércules, de modo “voluntário” e “refletido”, apropria-se de “regras de conduta”, neste caso, os valores de camaradagem e companheirismo, capazes de fazer superar os momentos difíceis, transformando-se e modificando-se em “seu ser singular”. O “cuidado de si” e o “cuidado do outro” aparecem neste texto de modo a tentar “fazer de sua existência uma obra de arte”, a ser vista pela sociedade civil, prenhe de valores humanos. Ademais, ressalta-se no texto o desejo de ser visto como alguém que não só cuida de si e do outro, mas da pátria, podendo dar a vida por ela. A vida de um herói, uma verdadeira obra de arte.

Conclusão

Nos dois textos, observa-se como os sujeitos apresentam a instituição, como exaltam as virtudes (mais) e os defeitos (menos) que nela encontram, como vão se vendo dentro desse “regime de verdade” e como vão refletindo essas mesmas verdades, constituindo suas subjetividades.

Hércules, mesmo expressando a rotina árdua por que passa, quase um trabalho hercúleo, (*sono, cansaço, fome, debilitado e desmotivado*), exalta os valores que a

escola prega, principalmente a camaradagem. Vê nesse valor o motivo para superar as adversidades e se tornar “*mais forte, mais vivo, mais humano*” (T2), assim demonstrando como vai se constituindo como sujeito, ou seja, como vai se subjetivando.

Teseu exalta a qualidade do ensino da instituição, porém aponta os aspectos “negativos” que os desagradam (É composta por homens e algumas vezes acontece algumas injustiças - T1). Dessa forma, ao expor os pontos “negativos”, vai se reafirmando e reconhecendo-se diante dos saberes que lhe são oferecidos e vai chegando à conclusão de que a relevância da formação supera os pontos desfavoráveis, pelo motivo de, na opinião de Teseu, o homem não ser perfeito (*assim seria muito perfeito, não dá* – T1).

Os textos Teseu e Hércules apresentam um questionamento em relação ao reconhecimento por parte da sociedade civil. Esse reconhecimento que emerge dos textos analisados evidencia a necessidade que Teseu e Hércules sentem de serem reconhecidos e de reconhecerem-se a si mesmos. Vale lembrar que os textos foram produzidos em momento histórico, início de 2015, em que ainda repercutiam na mídia brasileira toda a discussão, um ano antes, em 2014, em torno dos 50 anos do início da Ditadura Militar no Brasil (1964). O foco da mídia nas consequências trazidas pelo período de governo militar e na atuação da Comissão da Verdade, provavelmente, contribuiu para que surgissem nos textos os questionamentos em relação ao reconhecimento por parte da sociedade civil, possivelmente uma tentativa de chamar a atenção também para os pontos positivos que veem e vivenciam na instituição.

Os textos de Teseu e Hércules, ao abordarem a questão do reconhecimento, por parte da sociedade civil, da importância do Exército, reforçam a secção que emerge das falas presentes dos textos, ou seja, a divisão entre o mundo de cá (Exército Brasileiro) e o mundo de lá (sociedade civil). No texto de Teseu, quando questiona, implicitamente, a ausência de disciplina e respeito na maioria das instituições, deixa evidente sua opinião em relações às instituições civis ([...] *Um dos poucos lugares onde ainda se encontra disciplina e respeito* - T1). Hércules, ao exaltar os valores da instituição, coloca-se fora da sociedade, como se o Exército fosse uma sociedade paralela, com outros parâmetros morais (*ensina valores há muito esquecidos pela sociedade* - T2).

Essa divisão que os textos suscitam não é só uma impressão dos soldados que ingressam, através dos tempos, no Exército Brasileiro ou em exércitos de outros países, é também impressão da sociedade civil. A disciplina militar existente nos quartéis resvala também em questões políticas, em como se “construir” uma sociedade perfeita.

No entanto, no Brasil, os fatos e as consequências do período de governo militar são relevantes para a visão pouco exaltatória que a sociedade civil tem em relação às Forças Armadas. Assim, ao mesmo tempo em que os sujeitos-militares exaltam os valores existentes dentro do quartel (principalmente a disciplina e o respeito à hierarquia), acreditando que estão inseridos em uma “sociedade” diferente da qual recentemente saíram, incomodam-se com as opiniões que a sociedade civil tem em relação às práticas e aos valores pregados dentro das Forças Armadas.

Por outro lado, a sociedade civil, ao mesmo tempo em que eleva as Forças Armadas como a instituição brasileira de maior credibilidade⁷, parece não querer aceitar

⁷ Em uma pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas, nos 2º e 3º trimestres de 2014, sobre a confiança da população nas instituições brasileiras, as Forças Armadas figuram em 1º lugar com 67%, seguida da Igreja Católica com 58% e em 3º lugar o Ministério Público com 49%. Pesquisa disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/14089/Relat%C3%B3rio%20ICJBrasil%20-%20ano%206.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 de dezembro de 2015.

qualquer movimentação política por parte de militares, o que pode ser explicado pelos longos anos de ditadura aqui no Brasil. Assim, de certa forma, possuem uma visão extremamente utilitária das Forças, o que pode justificar o índice elevado de credibilidade nas pesquisas. De outro ponto de vista, talvez as enxergue de forma simplista, ainda devido às generalizações que são feitas de qualquer instituição brasileira, ou seja, “todos os políticos são corruptos ou ladrões”, “todos os religiosos são alienados ou extremistas”, “todos os militares são torturadores ou recebedores de ordens”.

São essas as impressões que se sobressaem nos textos, ou seja, reclamam um reconhecimento por parte da sociedade civil, tanto por causa dos valores que são cultuados dentro da instituição, como por todo o processo árduo de formação por que passam para garantir a defesa do Brasil.

É evidente nos textos a preocupação com o falar franco, pois, como diz Foucault:

[...] na *parrhesía*, o que está fundamentalmente em questão é o que assim poderíamos chamar, de uma maneira um pouco impressionista: a franqueza, a liberdade, a abertura, que fazem com que se diga o que se tem a dizer, da maneira como se tem vontade de dizer, quando se tem vontade de dizer e segundo a forma que se crê ser necessário dizer. (Foucault, 2010b, p. 334)

Os textos de Teseu e Hércules parecem se enquadrar nessas condições.

Em ambos os textos, há apenas críticas brandas em relação à instituição, não se caracterizando em uma “contraconduta”, ou seja, não há qualquer espécie de insubordinação em relação ao poder disciplinar. Ao contrário, os textos apontam os aspectos “negativos”, mas entendem que ou são necessários ou fazem parte da formação.

Dessa forma, Teseu e Hércules vão se constituindo em sujeitos-militares, buscando, por meio das técnicas de treinamento que consideram importantes para a formação militar, subjetivarem-se na e pela escolha que fizeram: tornarem-se militares do Exército Brasileiro. Por meio dessas “técnicas de si” - aqui retratadas pelo intenso treinamento físico e intelectual e, também, pelo exercício da escrita de si que se propuseram a desenvolver -, visam, além de se constituírem como sujeitos-militares, tornar suas vidas objetos estéticos de suas próprias existências. O ser-consigo ao toque do clarim, numa espécie de “Cultura de si” faz uso da escrita e é, em outra palavras, através da elaboração de si, de relatos de si frente ao mundo cotidiano, que oferecem ao leitor uma abertura através do que foi escrito de si.

Assim sendo, chega-se à conclusão de que todas essas regularidades presentes nos textos possibilitaram a observação de aspectos discursivos que levavam aos “modos de objetivação e subjetivação” dos enunciadores.

Observamos sujeitos bastante comprometidos com a instituição, com a verdade, tanto que, em ambos os textos, havia uma preocupação em exaltar as qualidades e os valores que viam na escola. Percebemos que essa exaltação sempre era reforçada por um conjunto de palavras que remetiam a campos lexicais positivos e exaltatórios. No entanto, havia também críticas, ou seja, pontos negativos que foram levantados em relação à rotina, às dificuldades profissionais - como cansaço, punições, injustiças -, às dificuldades pessoais - como a saudade de casa e da família -, e à falta de liberdade individual. Concluímos, após as análises, que estávamos diante de sujeitos que expuseram e exaltaram a profissão, tanto pelos valores, tais como disciplina, respeito,

seriedade, responsabilidade, que disseram ser “reforçados” na instituição, quanto pelas agruras por que passam para, finalmente, um dia, tornarem-se oficiais combatentes do Exército Brasileiro, o que é motivo de orgulho para todos eles.

Concomitante a essas observações, notamos sujeitos preocupados com o reconhecimento da instituição e, por extensão, do Exército Brasileiro. Todos os textos reclamaram da visão que a sociedade civil tem dos militares. Essa visão da sociedade não está marcada claramente nos textos, mas pode ser inferida pelo contexto sócio-histórico brasileiro, em que se viu figurar, de 1964 a 1988, o Governo Militar, com todos os fatos e as suas consequências, tão discutidas e discutíveis.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª Ed., Trad. Alfredo Bossi e Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia Grega**, Vol. III. Petrópolis: Vozes, 1987.

CASTRO, Edgardo. **Vocabulário de Foucault**: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Trad. Ingrid Müller Xavier. Revisão Técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DREYFUS, Hubert. L.; RABINOW, Paul. **Michel Foucault uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 202-273.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**: o governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France (1983-1984). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: **Ditos e escritos V**: Ética, Sexualidade, Política. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014a. p. 141-157.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no Collège de France (1981-1982). Trad. Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3. ed. São Paulo: **Martins Fontes**, 2010b. p. 334-346.

FOUCAULT, Michel. As Técnicas de Si. In: **Ditos e escritos IX**: Genealogia da ética, Subjetividade e Sexualidade. Trad. CHIQUIERI, Abner. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014b. p. 264-296.

FOUCAULT, Michel. Discurso e verdade: seis conferências dadas por Michel Foucault, em Berkeley, entre outubro e novembro de 1983, sobre a *Parrhesía*. **Revista Prometeus**, Universidade Federal do Sergipe, Ano 6, Volume 6, Número 12, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FOUCAULT, Michel. **O governo de si e dos outros**: curso no Collège de France (1982-1983). Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

JAEGER, Werner. **Paideia**: a formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 613-614.

REVEL, Judith. **Dicionário Foucault**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

Referências Eletrônicas

<http://www.youtube.com/watch?v=sl7QMkddZHo> (Sonhos sob ocupação). Primeiro acesso em: 12 de agosto de 2014.

<http://www.youtube.com/watch?v=jhj5zk8vW-8> (Brazil Colégio Stágio). Primeiro acesso em: 12 de agosto de 2014.

<http://digitmed.wordpress.com>. Primeiro acesso em: 2 de outubro de 2014.

<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/14089/Relat%C3%B3rio%20ICJBrasil%20-%20ano%206.pdf?sequence=1&isAllowed=y>.

Enviado em: Dezembro 12, 2015. Aprovado em: Novembro 01, 2016.